A paisagem da antiga Paraíba através dos mapas

Dayse Luckwü Martins[1]
Centro Universitário de João Pessoa Unipê
dayseluckwu@yahoo.com.br

RESUMO
A produção da cartografia foi fundamental como instrumento de conhecimento e controle do território, dando subsídios para a implantação da política colonizadora no Brasil, servindo como registro e transporte de "objetos de outra forma inapropriáveis" (BUENO, 1998, p.92), e revelando uma nova maneira de enxergar o continente recém descoberto, cercado de lendas que mexiam com o imaginário europeu. A paisagem urbana e natural do sítio histórico de João Pessoa - PB pode ser conhecida através dos mapas e vistas dos séculos XVI e XVII de procedência portuguesa e holandesa. Nossa análise se concentra nas informações relacionadas ao perímetro seiscentista do atual centro histórico da cidade. A relevância desse estudo dá-se pelo fato de analisarmos um autêntico registro, que informam sobre a paisagem natural e edificada em suas transformações, que resultaram no que se conhece atualmente do lugar. Material representativo de uma época, estas imagens, possibilitam observar o nascimento do núcleo urbano, a construção dos monumentos, isolados ou em conjunto, o traçado das ruas, áreas verdes, fontes d'água, enfim, tudo o que foi representado visando o conhecimento do território. Este acervo de mapas e paisagens constitui-se em um material ainda pouco explorado como possibilidades de estudo acerca de João Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem, mapas, patrimônio

ABSTRACT
The production of maps was essential as an instrument of knowledge and control of the territory, giving guidance for the implementation of the colonization policy in Brazil, serving as recording and transmission of "objects otherwise not appropriable" (BUENO, 1998, p.92), and revealing a new way to see the newly discovered continent, surrounded by legends that stirred the imagination of Europe. The urban and natural landscape of the historic site of João Pessoa - PB can be known through the maps and views of the sixteenth and seventeenth centuries of Portuguese and Dutch origin. Our analysis focuses on information related to the perimeter of the current seventeenth historic city center. The relevance of this study because it gives an authentic look of record, providing information on the natural landscape and built in its transformation, resulting in what is currently known of the place. Material representative of a time, these images allow you to observe the birth of the urban core, the construction of monuments, singly or together, the layout of the streets, green areas, water sources, everything that has been represented in order to know the territory. This collection of maps and landscapes constitutes a material as yet unexplored possibilities for studying about Joao Pessoa.

KEYWORDS: landscape, maps, heritage

[1] Ms. Orientadora: Dra. Maria Angélica da Silva, UFAL.

I - A CARTOGRAFIA COMO FONTE DE ESTUDO ICONOGRÁFICO

O estudo iconográfico busca analisar os registros humanos à luz de uma teoria geral de história que engloba o espaço e o tempo, ou seja, considera o meio ambiente e a cultura em que a imagem foi produzida. "As intenções daqueles que produzem os objetos são condicionadas pelos padrões da época e meio ambiente em que vivem" (PANOFSKY, 1949, p.32).

A paisagem urbana e natural do sítio histórico de João Pessoa pode ser conhecida através dos mapas e vistas dos séculos XVI e XVII de procedência portuguesa e holandesa. Como referência para o estudo da cartografia portuguesa temos a obra de Jaime Cortesão, "*História do Brasil nos velhos mapas*" (1971). Para o autor, essa cartografia revelava a rota de produção açucareira no território brasileiro, indicando a criação deste novo mundo colonial:

> (...) das exigências e correlações da economia do açúcar com a mão de obra escrava nasceu, nos fins de quinhentos, o mundo luso-afro-brasileiro, mundo atlântico, de interpenetração econômica e cultural, que se prolongou até o primeiro quartel do século XIX (CORTESÃO, 1971, p.05).

Essa cartografia é de grande auxílio na compreensão da formação brasileira do século XVII. Dentre a produção cartográfica portuguesa damos destaque para os mapas dos cosmógrafos[2] João Teixeira Albernaz, o Velho (1602 – 1666) e João Teixeira Albernaz, o Moço (1627 – 1675) ambos a serviço do Rei de Portugal. Entre a obra do Albernaz I destaca-se o "*Livro que dá razão do estado do Brasil*", elaborado em 1616 a partir do levantamento cartográfico feito pelo sargento-mor Diogo de Campos Moreno em 1612. Beatriz Siqueira Bueno esclarece que nesta época, nem sempre os mapas eram produto da observação direta. Pois, quando as localidades eram muito distantes, este trabalho era feito pelos viajantes, pilotos ou locais, cabendo ao cosmógrafo a preparação e iluminação das cartas e atlas manuscritos, que muitas vezes traziam um texto explicativo do próprio autor que realizou o levantamento (BUENO, 1998, p.95).

Para investigar o contexto histórico de produção da cartografia dos séculos XVI e XVII, parte-se do pressuposto de que as cartas, como qualquer outro objeto da cultura material, precisam ser analisados "à luz do seu contexto social de produção, circulação e consumo" (BUENO, 1998, p.91). A expansão ultramarina obrigou a coroa portuguesa a investir em pessoas especializadas na construção de fortificações e cidades, "habilitados para a realização de levantamentos geográficos" (BUENO, 1998, p. 91). Quanto às formas de representação, também estas eram peculiares à sua época e à cultura que as desenvolviam. Beatriz Bueno ressalta que:

[2] Os cosmógrafos eram responsáveis: "não apenas pela orientação e supervisão da preparação das extensas cartas náuticas e geográficas, como da instrução dos jovens fidalgos no exercício da matemática e suas aplicações à geometria, astronomia, náutica, cosmografia e arquitetura" (BUENO, 1998, p.95).

> (...) as particularidades gráficas revelam determinadas escolhas culturais, uma concepção de mundo, um estado de conhecimento científico e do pensamento. Refletem ainda as convenções estéticas do seu tempo – códigos de figuração, repertório de motivos, paleta cromática partilhados com as outras formas de artes gráficas (BUENO, 1998, p.108).

A produção desta cartografia era de fundamental importância, como instrumento de conhecimento e controle do território, dando subsídios para a implantação da política colonizadora, e fornecendo ao rei um veículo de apropriação territorial. A iconografia, além de representar valioso instrumento de conhecimento, servia também como uma forma de se registrar e transportar "objetos de outra forma inapropriáveis" (BUENO, 1998, p.92), revelando uma nova maneira de enxergar o continente recém descoberto, cercado de lendas que mexiam com o imaginário europeu.

A partir do século XVII, a linguagem dos desenhos passou por um processo de uniformização na Itália e Holanda. Cresceu também o intercâmbio de mapas entre Portugal e os Países Baixos, feitos, muitas vezes, na base da espionagem. Pode-se supor que este intercâmbio proporcionou o conhecimento da colônia portuguesa na América, possibilitando a ocupação holandesa do Nordeste brasileiro. O depoimento de José Antônio Gonçalves de Mello em seu livro "*Tempo dos Flamengos*" vem confirmar esta suposição quando o mesmo afirma que:

> (...) há anos que vinham sendo reunidos na Holanda dados e informações sobre a capitania de Pernambuco, a configuração de sua costa, os portos, desembarcadouros, regime dos ventos; a sua riqueza, a sua agricultura (MELLO, 1987, p. 36).

Mas não só Pernambuco foi contemplado com os mapas e manuscritos holandeses, a presença neerlandesa no Norte do Brasil, legou também à Paraíba um rico acervo possibilitando o conhecimento desse território. Os holandeses aprimoraram o sistema de representação no século XVII. As cartas impressas nos Países Baixos auxiliavam na atividade mercantil da Companhia das Índias Ocidentais. Todavia, a vinda do Conde João Maurício de Nassau, além da intenção política e mercantil, possibilitou a chegada da primeira expedição científica e artística às terras brasílicas. Sua comitiva era composta por cartógrafos, pintores e naturalistas, cujo intuito foi registrar o novo mundo sob domínio holandês.

Com Nassau veio o médico e naturalista Willem Piso (1611-1678), o astrônomo e naturalista alemão George Marcgrave (1610-1644), o arquiteto Pieter Post que projetou a cidade Maurícia, além dos pintores Frans Post (1612-1680) e Albert Eckhout (1610-1640) que retrataram paisagens e cenas da vida cotidiana e da natureza tropical do Brasil. Post foi além, ao ser considerado o primeiro paisagista do continente americano.

Outros nomes se destacaram a serviço do governo do Conde Nassau, dentre eles podemos citar o humanista Elias Herckman que governou a Capitania da Paraíba e escreveu a "*Descrição Geral da Capitania*

da Paraíba", o cartógrafo Johannes Vingboons que elaborou o *Atlas Geral do Brasil Holandês* e o humanista Gaspar Barléu (1584-1648). Este não esteve no Brasil, mas na sua obra: "*História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*", encomendada pelo próprio Nassau, encontra-se descrito muito do que foi inventariado pela comitiva holandesa no Brasil colonial, ilustrado com a cartografia produzida pelos integrantes da missão científica nassoviana.

Inseridos na iconografia portuguesa e holandesa, encontramos uma série de mapas e vistas sobre os dois primeiros séculos de fundação da cidade de João Pessoa. A observância deste acervo despertou-nos para uma realidade pouco explorada a nível de possibilidades de estudo e fonte de conhecimento[3]. Sob esse prisma, viabilizamos a sua análise concentrando nossa atenção nas informações relacionadas ao perímetro seiscentista do atual centro histórico da cidade, como parte da memória e do patrimônio cultural local.

II - ESTUDOS ICONOGRÁFICOS DA ANTIGA PARAÍBA

A relevância do estudo iconográfico da atual cidade de João Pessoa, dá-se pelo fato de analisarmos um autêntico registro, compreendendo mapas e vistas, que informam sobre a paisagem natural e edificada em suas transformações, que resultaram no que se conhece atualmente do lugar. Material representativo de uma época, séculos XVI e XVII, estas imagens aqui reunidas, atestam parte da história daquela cidade. Possibilita observar o nascimento do núcleo urbano, a construção dos monumentos, isolados ou em conjunto, o traçado das ruas, áreas verdes, fontes d'água, enfim, tudo o que foi representado visando o conhecimento do território. Acima de tudo, permite auxiliar na reconstituição da vida citadina no momento do início da sua formação urbana.

O que se pretende com a realização deste estudo, é entender a temática da iconografia, seu universo de criação, para, a partir de então, analisar as imagens, estabelecendo ligações entre elas. Especificamente sobre João Pessoa, para este estudo, foram reunidas doze imagens, que abrange o período de 1609 a 1698, incluindo mapas cartográficos, desenho e vistas. Faz-se mister a compreensão do contexto histórico de produção destas gravuras, até porque a própria teoria iconográfica afirma a necessidade de contextualização espaço-temporal[4].

Procedemos a uma análise das imagens, baseada na observação dos elementos constitutivos: o traçado urbano, as edificações, os monumentos, quadras, ruas, lotes. Os dados da geografia da região também podem informar sobre como funcionava a cidade, revelando as relações entre os elementos edificados e os recursos naturais do sítio como as fontes de água, as matas, o relevo. De posse desses dados, seguimos

[3] Estudos pioneiros nesta perspectiva, foram realizados pelo arquiteto José Luiz da Mota Menezes em "*Algumas notas a respeito da evolução urbana de João Pessoa*" (1985), comentada mais adiante.

[4] Ver Panofsky (1949) em "*Significado nas Artes Visuais*".

cruzando as informações para ver em que pontos elas se complementavam e em que pontos entravam em conflito.

III - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NÚCLEO URBANO

O primeiro ponto a destacar no processo de formação urbana da antiga cidade da Paraíba, atual João Pessoa, foi a presença sempre marcante da natureza. Ao meio ambiente natural se integraram as edificações, conformando uma paisagem singular entremeada de espaços verdes e construídos, e passados mais de quatro séculos, perduraria este aspecto constituindo-se em fator significativo na própria identidade atual da cidade.

Vilas e cidades construídas no período colonial desempenhavam funções específicas e embora apresentassem peculiaridades devido a fatores naturais e culturais, pode-se afirmar que as mesmas traziam como referência os princípios transportados das cidades portuguesas ou de sua colonização dando-lhes uma base comum.

Segundo Manuel Teixeira e Margarida Valla em: *"O Urbanismo Português: séculos XIII – XVIII Portugal – Brasil"* (1999) era característica fundamental das cidades portuguesas dos séculos XV e XVI construídas na costa, a organização em dois níveis: cidade alta e cidade baixa. A cidade alta com função de sede do poder oficial e religioso, e cidade baixa destinada às atividades mercantil e marítima. Observamos este modelo adotado nas vilas e cidades coloniais brasileiras, e evidentemente, no caso em estudo. A diferença em relação à antiga Paraíba é que esta foi implantada às margens de um rio por estratégia de defesa, desenvolvendo aí as mesmas características da tradição portuguesa. Os edifícios públicos mais importantes como a Casa de Câmara, a Misericórdia com o hospital, bem como as principais igrejas, estavam geralmente associados aos largos e às praças e desempenhavam papel estruturante nos traçados urbanos. Estes edifícios estavam dispostos como pontos focais de perspectivas tanto nos traçados regulares como nos irregulares.

Em João Pessoa, a igreja como instituição, assinalou seu poder de forma marcante na configuração urbana, formando um traçado em cruz, com cada ordem religiosa (carmelita, jesuíta, beneditina e franciscana) situada em um extremo, confirmando a intenção de ortogonalidade da planta e condicionando o ordenamento das quadras e lotes. Os largos e adros construídos em frente às igrejas eram parte destes conjuntos religiosos. As cidades fundadas pela Coroa, como João Pessoa, eram chamadas cidades reais e estavam subordinadas diretamente à Coroa portuguesa. Nestes casos, traçados urbanos regulares inspirados nos ideais urbanos renascentistas cumpriam da forma mais adequada os objetivos políticos de controle do território e de afirmação do poder real que estavam por detrás da fundação destas cidades (TEIXEIRA, VALLA, 1999, p.218).

Cabia às autoridades municipais a função de ordenamento dessas novas cidades. A repartição de terras dentro e fora do perímetro urbano seguia o que estava contido no Livro IV das Ordenações Manuelinas. Eram as Ordenações reais que constituíam o corpo jurídico brasileiro, "incluindo a legislação que respeitava à vida urbana" (TEIXEIRA, VALLA, 1999, p.220). As ordenações eram complementadas ainda pelos Regimentos, Cartas Régias e os Forais.

João Pessoa nasceu na época da dominação espanhola de Portugal (1580 – 1640) o que suscita a questão se houve, no seu traçado, alguma influência das ordenações espanholas. As Leis das Índias[5] era o conjunto legislativo que tratava da escolha do sítio, planejamento e organização política das cidades de colonização espanhola. Segundo o professor Nestor Goulart (1968, p.128) alguns princípios das Leis das Índias passaram a ser utilizadas não só nas cidades de colonização espanhola, como também na portuguesa, inglesa e francesa. Todavia, a feição da colonização portuguesa na paisagem urbana de João Pessoa é preponderante.

Sobre a questão da afirmativa não haver planejamento nas cidades de colonização portuguesa, é contestável no caso da Paraíba. A preocupação com a escolha do sítio, com a estratégia de defesa do território, a demarcação dos acessos à água para consumo, a diferenciação funcional entre as zonas urbanas são aspectos que denotam um planejamento de base bastante pragmática. No caso específico da antiga cidade da Paraíba, a adoção de modelo urbanístico português, também se concretiza com a denominação de ruas como a Rua Nova e Direita, denotando uma preocupação com a utilização de nomenclatura vigente em Lisboa.

A base do traçado urbano do seu núcleo primeiro, e a locação de suas principais edificações, estavam afixados já nos séculos XVI e XVII como podemos observar através da análise da iconografia que procedemos acerca de João Pessoa.

IV - A PAISAGEM DA ANTIGA PARAÍBA (ATUAL JOÃO PESSOA) ATRAVÉS DA CARTOGRAFIA

O estudo partiu da seleção de material em livros que apresentam às imagens das primeiras vilas e cidades brasileiras como o "*Mapa: imagem da formação territorial brasileira*", de Isa Adonias (1993) e *"Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial"*, de Nestor Goulart Reis (2000). Após a catalogação desse material, buscamos através de referências escritas, rastrear a localização de edições originais ou fac-símiles[6].

[5] Ver também Paulo F. Santos em "Formação das Cidades no Brasil Colonial".

[6] Para a realização desta pesquisa contamos com a valiosa colaboração do Grupo Arquitetura da Cidade/Estudos da Paisagem – UFAL, coordenado pela Profa. Dra. Maria Angélica da Silva, o qual percorreu o Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), mapoteca do Departamento de História da UFPE, e no Rio de Janeiro, a Biblioteca da Marinha, Biblioteca do Exército, Biblioteca Nacional, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Mapoteca do Itamaraty. Parte do

de obras como Gaspar Barléu, *"História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil"*, *"O livro dá razão ao estado do Brasil"*, de Diogo de Campos Moreno onde constam os mapas feitos por João Teixeira Albernaz e o Atlas Johannes Vingboons.

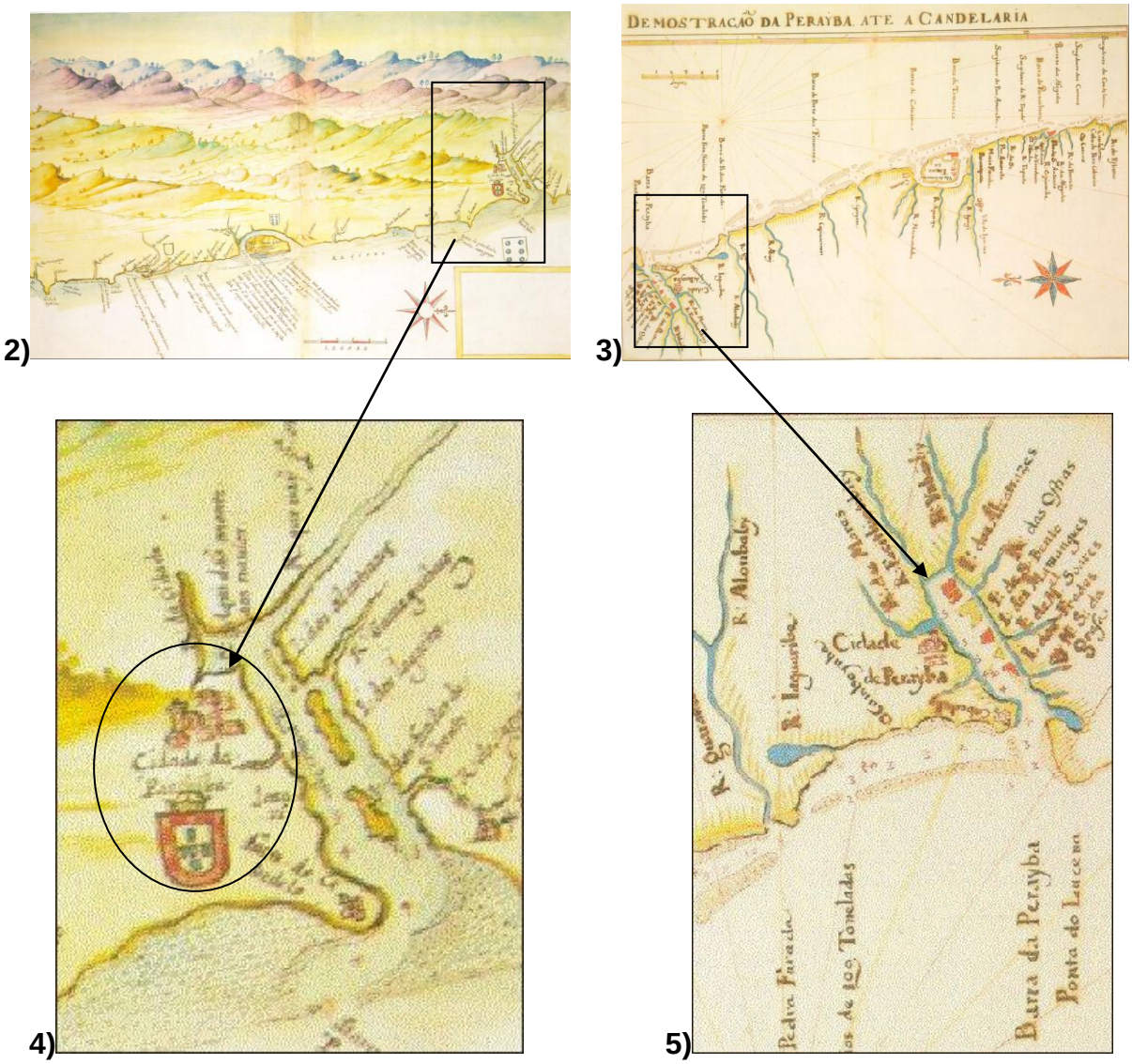
A apresentação das imagens forneceu subsídios para se tecer considerações acerca do passado da cidade de João Pessoa, possibilitando uma análise comparativa entre as mesmas. Constatamos que a representação do sítio, seus componentes naturais e edificados, algumas vezes vão além do indicado pelas legendas. A proporção das imagens denotam a ênfase dada àquilo que o mapa se propõe a destacar. A exemplo das figuras humanas representadas no mapa da figura 1 por ocasião da tomada da cidade.

Figura: 1) Mapa intitulado Afbeeldinghe Van Paraíba Ende Forten, de autoria desconhecida datado de 1634. Observa-se a figura humana representada por ocasião da invasão holandesa.Fonte: Reis, 2000, cd-rom.

Nos mapas da costa, geralmente a capitania da Paraíba é representada em sua ligação mais direta com as capitanias situadas ao sul: Itamaracá e Pernambuco. O enfoque é dado à questão da navegação, o trajeto percorrido até chegar as povoações, a profundidade em determinados locais, a entrada da barra, os

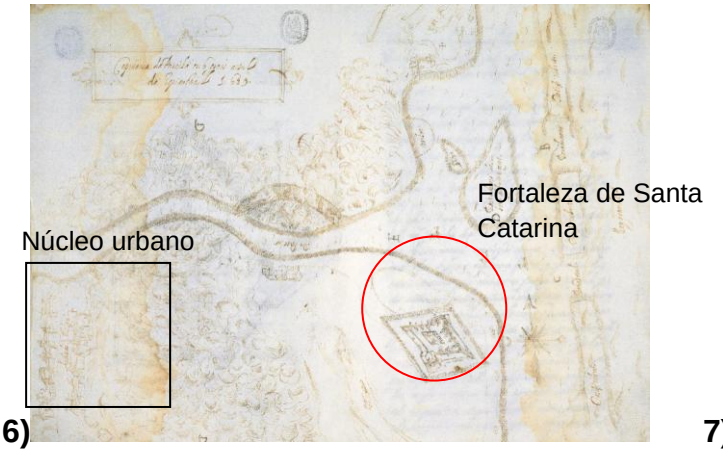
material estudado pode ser pesquisado no conjunto de imagens digitalizadas do Arquivo Ultramarino e no acervo procedente dos mapas Manuscritos do Algemeen Rijksarchief do Arquivo Geral do Reino, em Haia, Holanda, organizados e rastreados pela Profa. Dra. Maria Angélica da Silva e a especialista em Ciências Políticas Bárbara Consolini, pesquisadora do museu de Amsterdam e do Programa Cultural Alagoas-Holanda, atualmente disponibilizados pelo Grupo Arquitetura da Cidade/Estudos da Paisagem.

elementos naturais que compõem a costa, os rios, ilhas e suas respectivas indicações e legendas. O interior do território é visto de forma mais esquemática e simplificada, sem os detalhes de pontos d'água, vegetação, sendo representado apenas o relevo, como no mapa da figura 2, bem como a representação da natureza, contrastando com as informações contidas na costa. Assim nos mapas das figuras 2 e 3, de origem portuguesa que delimitam a Paraíba e Pernambuco, vemos a entrada do rio e o trajeto até a cidade. Fica evidenciada a importância do local através da representação dos brasões das capitanias e torres que atestam a presença da igreja enquanto instituição de poder no meio urbano.



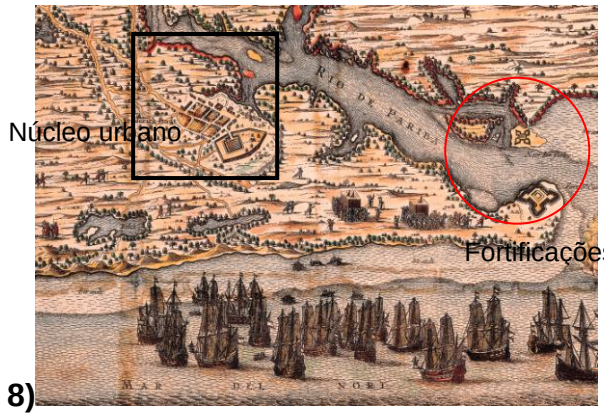
Figuras: 2) Carta da Costa Compreendida entre o R: dos Morequipos e o R: Mereri de autoria de João Teixeira Albernaz, datado de 1631. Fonte: Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ Ieronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, cosmographo de Sua Magde, anno 1631. Mapoteca do Itamarati – Ministério das Relações Exteriores/Rio de Janeiro. 3) Demonstração da Parayba ate a Candelária, de autoria de Teixeira Albernaz (o Moço), datado de 1666. Fonte: ADONIAS, 1993, p. 181. 4) Vemos em detalhe a representação da cidade com o brasão da capitania. 5) Vemos em detalhe a representação da cidade com uma indicação de torre.

Em vários mapas é presente a preocupação em representar o território da capitania da Paraíba compreendendo desde a entrada do rio até à cidade talvez para uma maior conhecimento da região. Nos mapas das figuras 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 o cuidado com o núcleo urbano é mais evidente, trazendo na maioria das vezes muitos detalhes da localização dos principais elementos que compunham aquele sítio histórico. Assim nestes mapas, é recorrente a presença dos três fortes que protegiam a entrada do rio, Cabedelo, Santo Antônio e da Restinga, como observamos nas figuras que se seguem.

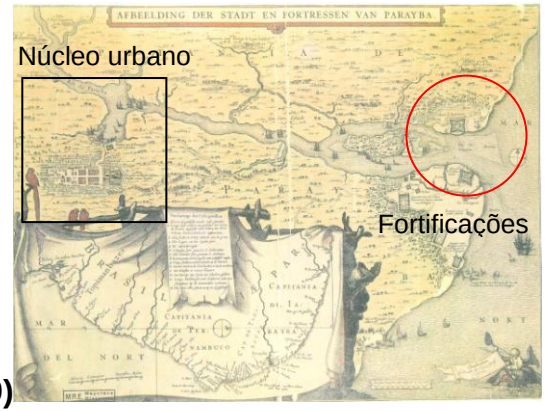


6)

7)



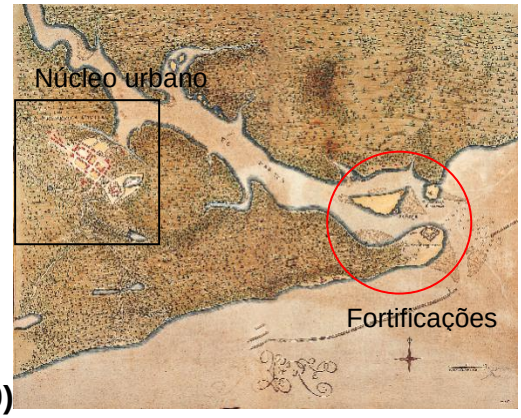
8)



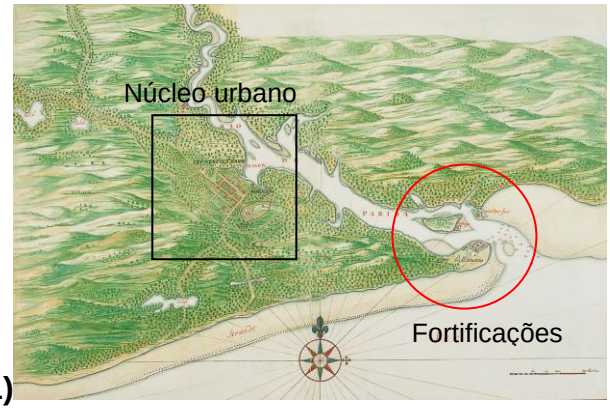
9)

Figuras: 6) Mapa: Capitania da Paraíba em 6 graos a sul da Equinothial 1609, de autoria de Diogo de Campos Moreno, datado de 1609. Fonte: Reis, 2000, cd-rom. 7) Mapa intitulado Paraíba. Ov Rio de São Domingos de autoria de João Teixeira Albernaz (O Velho) datado de 1626. Fonte: Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1916, versão fac símile. 8) Mapa intitulado Afbeeldinghe Van Paraíba Ende Forten, de autoria desconhecida datado de 1634. Observa-se a figura humana representada por ocasião da invasão holandesa.Fonte: Reis, 2000, cd-rom. 9) Mapa intitulado Afbeelding Der Stadt En Fortressen Van Parayba. Autor: Claes Jansz Visscher. Data: 1634Fonte: Adonias, Isa. Mapa: Imagens da Formação Territorial Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

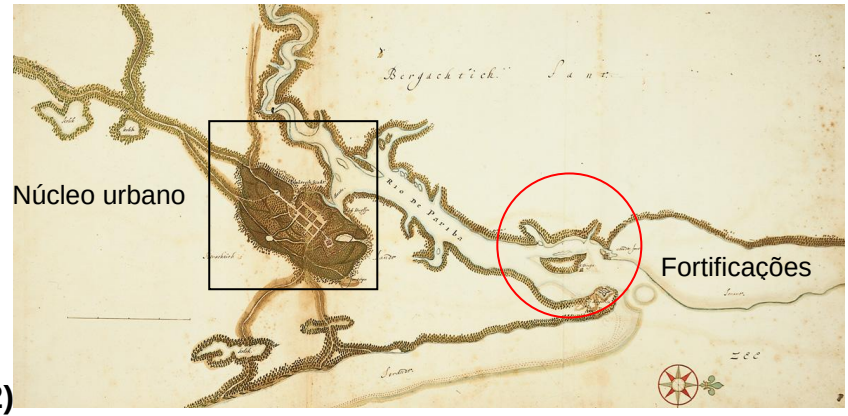
10)



11)



12)



Figuras: 10) Título: Fluvius Parayba de autoria de Jan Van Brosterhuisen, datado de 1637-1645. Fonte: Barléu, 1647, cd-rom. 11) Mapa de Johannes Vingboons (1640). Fonte: Reis, 2000, cd-rom e cópia do original do Arquivo de Haia. 12) Mapa de autoria de Johannes Vingboons (1640). Fonte: Desenhos da terra Atlas Vingboons (2003) e Reis, 2000, cdrom.

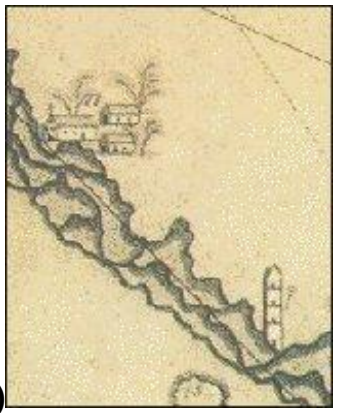
São passíveis algumas conclusões a partir destas imagens analisadas acima. De forma geral os mapas holandeses não se restringiram apenas ao núcleo urbano, mas contemplaram todo o território desde a entrada do rio até chegar a cidade. Quanto à representação gráfica do núcleo urbano, são mais detalhistas se compararmos aos de procedência portuguesa. Tomemos como exemplo os mapas 6 e 7. Podemos observar nos mapas 10, 11 e 12 a semelhança no traçado do rio, ilhas e entrada da barra, fazendo-nos supor que se utilizavam da mesma fonte ou são cópias uns dos outros. Vale ressaltar que os mapas 11 e 12 são de autoria de Vingboons.

Podemos concluir que haviam interesses diferenciados quanto à produção desta iconografia. Levantamos algumas hipóteses sobre esse aspecto. Os mapas holandeses buscavam o conhecimento e controle detalhado dos territórios sob o seu domínio. Já os primeiros mapas portugueses da capitania (2 e

3) demonstram o compromisso com o conhecimento do território, parece que o interesse está mais voltado a demonstrar o tamanho do império colonial.

Ressaltamos também a indicação de povoações ao longo da costa da Paraíba e dos engenhos situados às margens de rios da região (mapa 13, 14 e 15). Tanto nos mapas portugueses quanto nos holandeses, podemos destacar a presença dos engenhos, o que corrobora a descrição acerca dos mesmos, que encontramos nos relatos de Elias Herckman, governador holandês da Paraíba. No mapa 14 os engenhos são sinalizados por uma planta de cana-de-açúcar. É interessante notar que a flora representada esquematicamente ao longo do território é adensada perto dos pontos d'água e das povoações. A cidade de João Pessoa possuía fontes que a abasteciam e água em abundância, vemos na cartografia estes pontos e seus caminhos de ligação.

13)

14) 

15)

Figuras: 13). Detalhe do mapa intitulado Paraíba. Ov Rio de São Domingos de autoria de João Teixeira Albernaz (O Velho) datado de 1626. O recorte mostra os engenhos às margens dos cursos hídricos. Fonte: Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1916, versão fac símile. 14) Detalhe do mapa do território da Paraíba mostrando os engenhos ao longo dos cursos d'água. Fonte: ADONIAS, 1993, p. 158 e 159. 15) Detalhe do mapa intitulado "Afbeelding Der Stadt En Fortressen Van Parayba" de autoria de Claes Jansz Visscher (1634) onde vemos o Engenho de George de Lopes Brandão. Fonte: Adonias, Isa. Mapa: Imagens da Formação Territorial Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

Quanto à caracterização do núcleo urbano, vemos nos mapas das figuras 16, 17 e 18 maior regularidade nas linhas e nos traçados, apresentando à mesma disposição das ruas (Nova e Direita) e quadras pouco adensadas, além de apresentar as principais edificações da cidade Conventos de São Francisco (fortificado), Carmo, São Bento, Igrejas Matriz, Misericórdia e assinalando o limite da cidade, a Igreja de São Gonçalo. Alertamos para alguns detalhes nessas imagens: a representação dos caminhos que saem da cidade e que levam a pontos d'água, a exemplo da "Lagoa" e da fonte de Tambiá, cuja legenda indica a palavra "*forteyn*", que pode-se dizer, serviram de base para os caminhos atuais. Sabe-se que a escolha de um sítio próximo às fontes d'água, apropriada para o consumo, constituia-se em um critério importante para a implantação de um núcleo urbano. Também nestas imagens observamos semelhanças quanto à representação gráfica na indicação dos elementos que compõem o sítio urbano

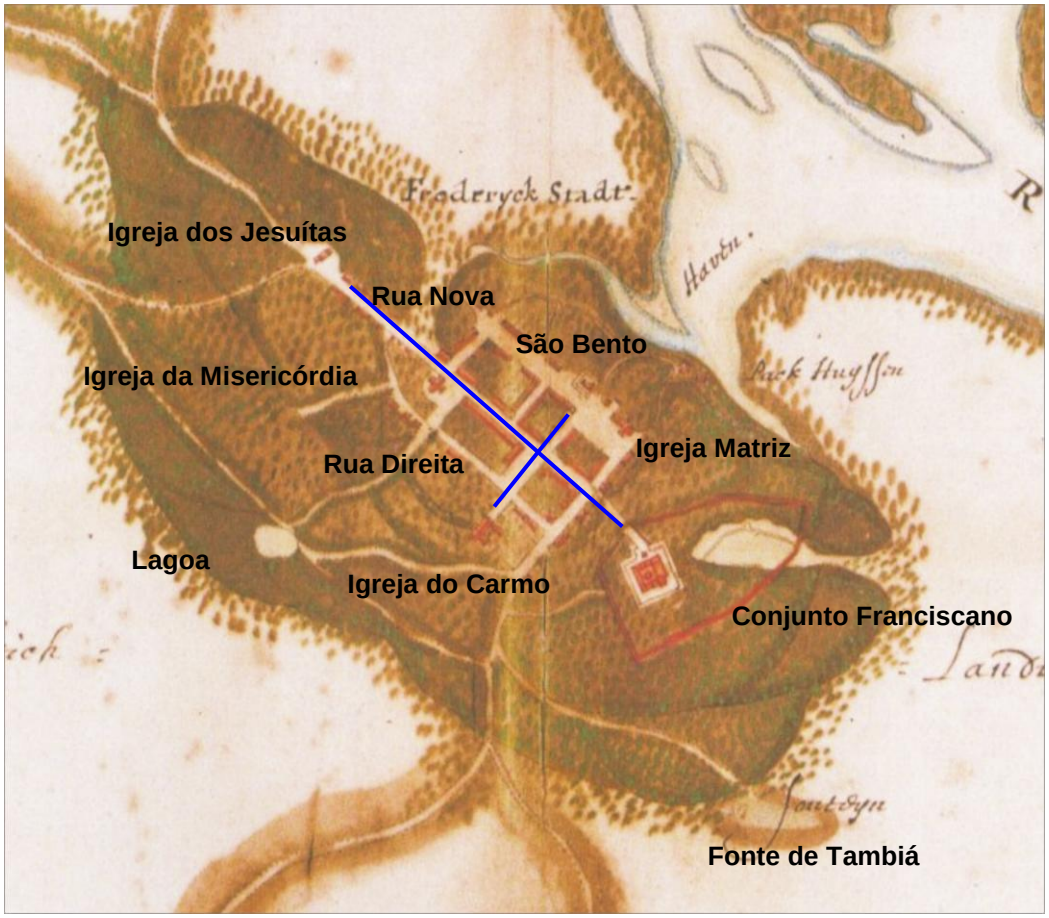


Figura: 16) Mapa de autoria de Johannes Vingboons (1640). Fonte: Desenhos da terra Atlas Vingboons (2003) e Reis, 2000, cdrom

Figura: 17) Recorte do mapa de Johannes Vingboons (1640). Fonte: Reis, 2000, cd-rom e cópia do original do Arquivo de Haia.

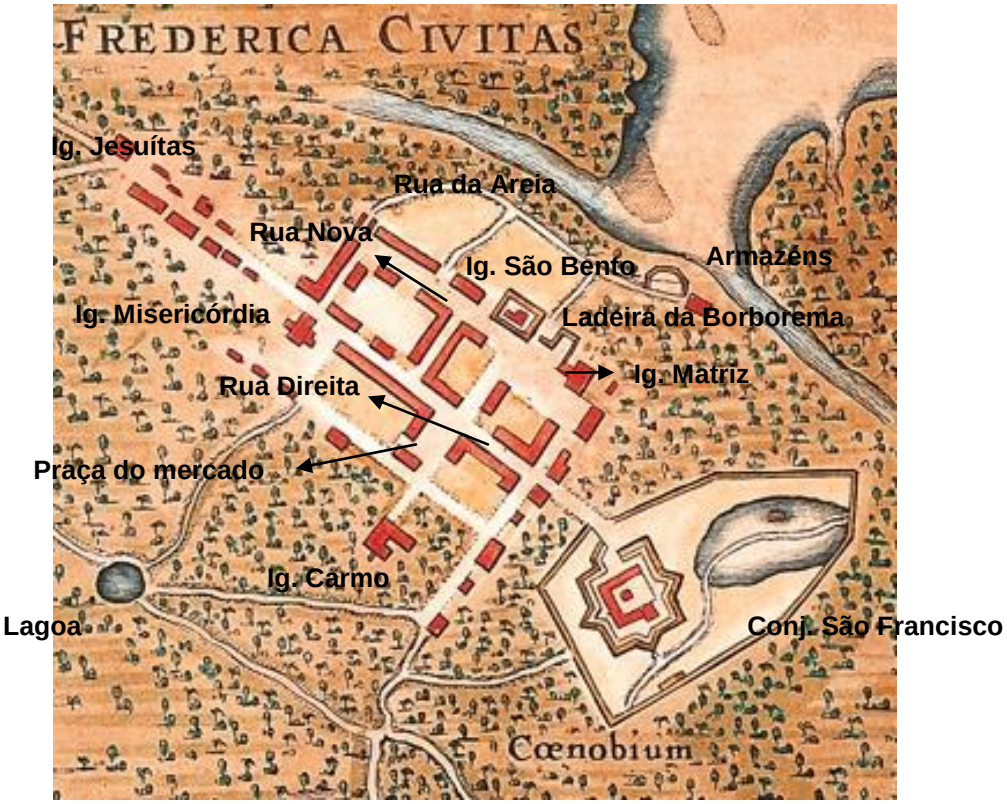
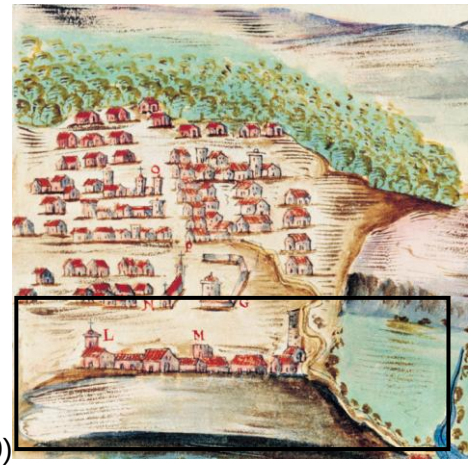


Figura: 18) Título: Fluvius Parayba de autoria de Jan Van Brosterhuisen, datado de 1637-1645. Fonte: Barléu, 1647, cd-rom.

Dentre os caminhos de ligação entre cidade alta e baixa, o mais antigo, é a ladeira de São Francisco, como vemos na figura 17, não ficando evidenciada nos mapas das figuras 16 e 18. Nesta época a rua da Areia e a ladeira da Borborema ao lado da igreja de São Bento também já existiam como observamos nas figuras 17 e 18. Estas vias que interligavam os dois planos da cidade, seguiam um traçado menos ortogonal amoldando-se a declividade do terreno. Diferente das ruas na cidade alta, que possuíam um desenho regular com as casas no alinhamento das vias. As figuras 19 e 20 trazem um perfil da cidade em detalhe onde observamos a declividade entre os dois planos urbanos.

19)

20) 

Figuras: 19) Mapa intitulado Capitania da Paraíba em 6 graos a sul da Equinothial 1609. Autor: Diogo de Campos Moreno, data: 1609. Fonte: Reis, 2000, cd-rom. 20) Detalhe do mapa intitulado Paraíba. Ov Rio de São Domingos de autoria de João Teixeira Albernaz (O Velho) datado de 1626. Vemos um perfil da cidade. A mesma parece ser observada de fora no sentido norte-sul, pois só assim podemos identificar as igrejas do Carmo (L) e São Francisco (M) alinhadas. O perfil mostra a diferença de planos da cidade. Fonte: Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1916, versão fac símile.

O mapa da figura 21, entra em contradição com as demais e com os relatos de época que afirmavam que a cidade possuía quadras pouco adensadas. O mesmo mostra as quadras mais densamente ocupadas que nos demais mapas. Contudo esta imagem nos permite localizar a praça do mercado, a casa de Câmara e Cadeia e o pelourinho, assim como o mapa da figura 17.

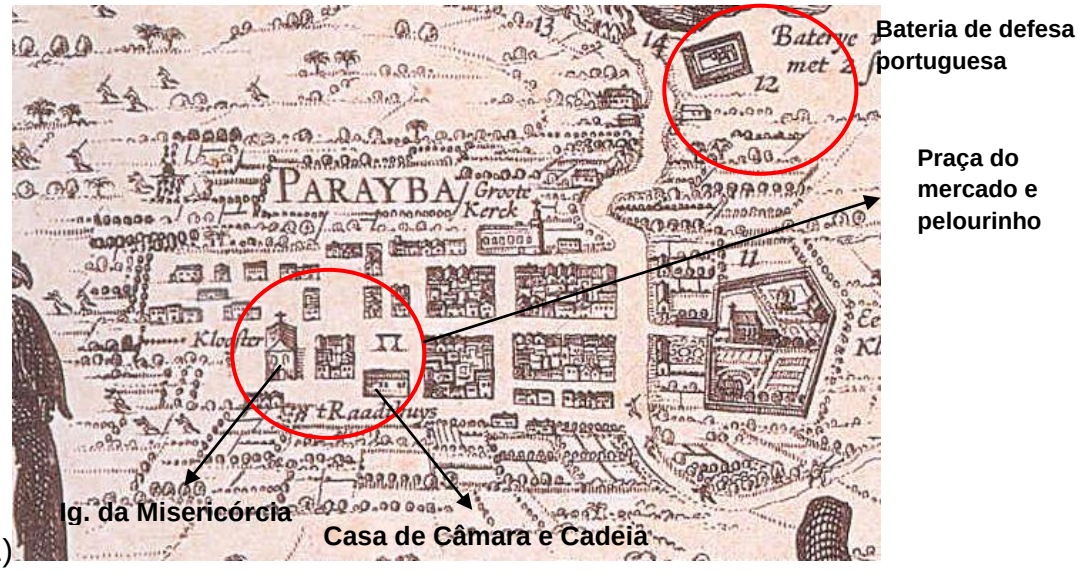
21) 

Figura: 21) Detalhe do mapa intitulado "Afbeelding Der Stadt En Fortressen Van Parayba" de autoria de Claes Jansz Visscher (1634). Fonte: Adonias, Isa. Mapa: Imagens da Formação Territorial Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

Interessante notar que os mapas das figuras 1 e 21, datados do mesmo ano, apresentam o elemento humano por ocasião da invasão holandesa. Isso porque os mapas narram a conquista da Paraíba aparecendo, tropas holandesas, em destaque. Observamos que a figura 21 traz uma bateria portuguesa próxima ao rio, como indica a legenda. Este dado suscita questionamentos quanto a presença de construções com a finalidade de defesa de origem portuguesa na época dos holandeses, no referido lugar. A destruição do antigo forte existente chamado de forte do Varadouro e a construção de novas edificações levaram à perda de referência da localização do dito forte. Este é um assunto controverso no meio acadêmico uma vez que são divergentes as opiniões quanto ao seu exato local de construção. O estudo iconográfico dá margens a interpretações a respeito deste assunto. Próximo ao rio vemos a indicação dos armazéns ou passos (mapas 16, 17 e 18).

As vistas apresentadas nas figuras 22 e 23 são aquela que podemos considerar a base de nossa interpretação imagética, Nestas imagens a cidade é observada do rio. Vemos a disposição em dois planos, às margens do rio, estruturas do porto, armazéns e uma densa vegetação emoldurando as edificações. Em cima da colina destacam-se os principais monumentos construídos (a igreja de São Francisco) e uma vegetação menos densa com mais espaços vazios. Vemos que a disposição das edificações estão concordes com o que analisamos nos mapas.

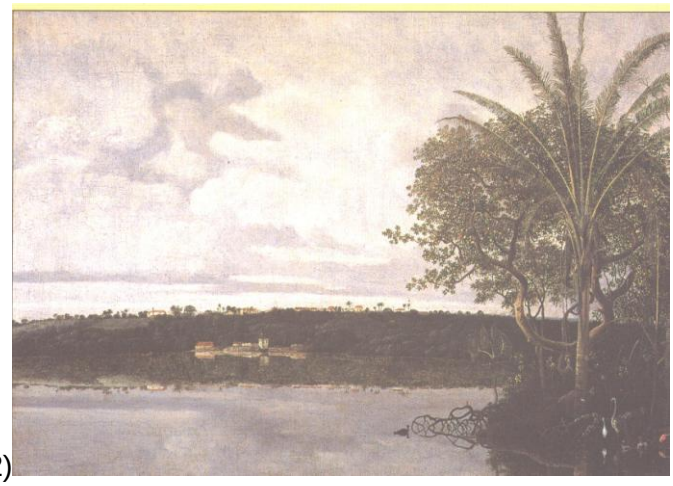
22) 

Figura: 22) Vista da "Cidade Frederica na Paraíba" de autoria de Frans Post (1638). O destaque evidencia o relato citado acima. Fonte: Lago, Beatriz e Pedro Corrêa do. *In* O Brasil e os Holandeses, 1999.

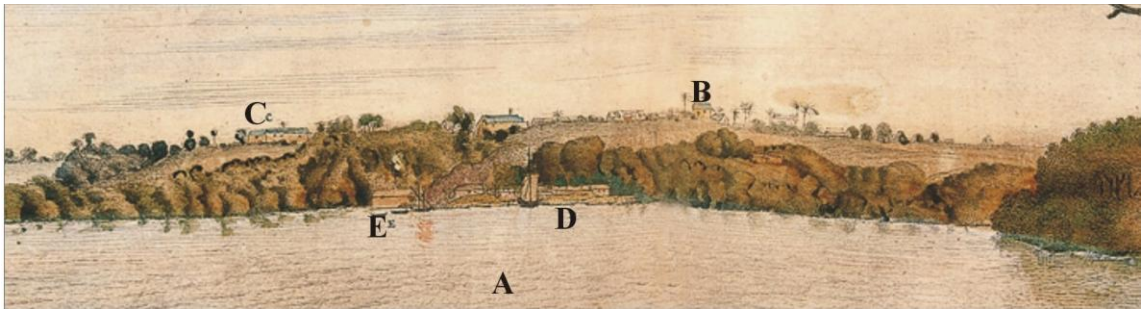
23) 

Figura: 23) Vista intitulada "Parayba", datada de 1647 de autoria de Frans Post. Vemos uma vista da cidade a partir do rio cuja legenda indica: A – Rio, B – Civitas Paraíba, C – Convento de São Francisco, D – Fortaleza de pedra, E – Armazém de mercadoria. Fonte: Barléu,1647, CD-ROM.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouco tempo durou o período holandês na Paraíba, menos de 10 anos. Aécio Villar de Aquino aponta apenas a construção de um armazém e do molhe do porto como contribuições à cidade: "Exceção do forte do Cabedelo, do armazém e do molhe do porto, nada mais deixaram os holandeses" (Aquino, 1988, p.38).

Os feitos holandeses na Paraíba não foram muitos, como acredita o autor acima citado. Não houve uma modificação da cidade nem em termos urbanísticos, nem na tipologia das edificações como acredita-se que ocorreu em Recife. A contribuição holandesa na Paraíba, portanto, deu-se muito mais no campo literário e iconográfico, o que nos permite a realização deste estudo e a compreensão da realidade do lugar a época de sua formação. Além disso, a paisagem da João Pessoa antiga feita por Frans Post pode ser considerada o primeiro retrato que se tem notícia acerca daquela paisagem, no princípio da formação urbana da mesma. Por este motivo, sua análise nos permite abrir uma janela nesse passado possibilitando-nos experimentá-lo.

Reforçamos a importância desta pesquisa na medida em que a iconografia acrescenta um elo na história do lugar, dentro da perspectiva a paisagem encontra–se em um processo dinâmico de mudança. O estudo de sua iconografia permite ligar o presente ao passado reconstituindo o cenário da cidade nas diversas épocas vividas.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADONIAS, I. *Mapa: imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

BANCO DO BRASIL. *Os mapas do descobrimento.* Rio de Janeiro: Banco do Brasil 2000.

BARLEU, Gaspar. *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. In: FREIRE, Francisco Brito. *Nova Lusitânia – história das guerras brasílicas* . São Paulo: Beca Editora, 2004. (cd-rom)

BUENO, B. P. S. *A iconografia dos engenheiros militares no século XVIII: instrumento de conhecimento e controle de território.* In: CARITA, H.; ARAÚJO, R.;

ROSSA, W. (org). *Coletânea de estudos, universo urbanístico português* 1415-1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1998. p. 87-118.

CARITA, H. *Lisboa manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna, 1495-1521.* Lisboa: Horizonte, 1999.

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Instituto Rio-branco, Rio de Janeiro, 1971

DIÁLOGOS DA GRANDEZA DO BRASIL. Rio de Janeiro. Edições Melhoramentos. 1930.

HERCKMAN, Elias. *Descrição Geral da Capitania da Paraíba – 1639.* (Publicada na Crônica do Instituto Utrecht). João Pessoa: A União, 1982.

HERKENHOFF, Paulo. (org.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654.* Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda. 1999.

INSTITUTO RICARDO BRENNAND. *Frans Post e o Brasil Holandês.* Recife: Capivara. 2003.

LAGO, Bia Corrêa do. Frans Post e o Brasil Holandês: na coleção do Instituto *Ricardo Brennand.* Recife: Capivara, 2003.

MARTINS, Dayse Luckwü. *Paisagem e memória Patrimônio natural e edificado no centro histórico de João Pessoa PB.* Maceió: Dissertação de Mestrado. Prodema/ UFAL, 2003.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *A Cartografia Holandesa do Recife – Estudo dos principais mapas da cidade, do Período 1631-1648.* Parque Histórico Nacional dos Guararapes IPHAN/MEC, Recife, 1976

MENEZES, José L. M. *Algumas notas a respeito da evolução urbana de João Pessoa*. Recife: Pool, 1985.

____;GALINDO, M. *Desenhos da Terra atlas Vingboons*. Recife: Pancrom.2003.

MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão do Estado do Brasil – 1612.* Ed. crítica, com introdução e notas de Hélio Vianna, promovida pela Comissão Organizadora e Executiva das Comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana. Recife, Arquivo Público Estadual, 1995.

ORAMAS, L. P. *Frans Post, invenção.* In: HERKENHOFF, Paulo. (org.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654.* Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda. 1999. p. 218-237.

PANOFSKY, Ervin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Ed. perspectiva. 2ª Edição. 1949.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500-1720).* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

_____, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. Colaboradores Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Paulo Júlio Valentim Bruna. São Paulo, Editora da USP, 2000.

SANTOS, Paulo F. *Formação de Cidades no Brasil Colonial*. V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.

SEPLAN/PB. *ICONOGRAFIA DA PARAÍBA, Cartas, Fortificações, Aspectos Urbanos*. SEPLAN. Pool Editorial Ltda.. 1983.

TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida. *O Urbanismo Português: século XII-XVIII Portugal-Brasil.* Lisboa: Livros Horizonte, 1999.